



# XIV ANPED-CO

## XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3214 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)  
GT 14 - Sociologia da Educação e Filosofia da Educação

Brinquedoteca: o livre brincar como expressão da cultura infantil  
Angela Lima Bittencourt - UFMT/Campus de Rondonópolis - Universidade Federal de Mato Grosso

O olhar que, como adultos, lançamos sobre o brincar está atrelado, a uma concepção de infância. Há o olhar que determina onde, como, com que, com quem e em que tempo/espaço as crianças podem ou devem brincar. Este, por sua vez, segrega e estereotipa o brincar. Contrariamente a essa ideia, o propósito do presente texto, em que a criança é vista como protagonista sob uma perspectiva antropológica (LAPLANTINE, 2004), é apreender a riqueza de expressões da cultura infantil: suas lógicas, linguagens, ritos, imagens e ações através do brincar livre. Utilizando como metodologia a etnografia (MAGNANI, 2009), principalmente por meio das narrativas do Diário de Campo, apresento a brinquedoteca da UFMT/Campus de Rondonópolis (Laboratório Especial de Ludicidade/Brinquedoteca Profa. Dra. Soraiha Miranda de Lima) como um espaço aberto e público, do ponto de vista do adulto e privado e livre para as crianças exercerem com autonomia o brincar, e assim expressar suas alteridades por meio das brincadeiras e dos brinquedos. A pesquisa problematiza as expressões do brincar livre nesse lugar observando as diversidades culturais de gênero, sexo e classe social.

**PALAVRAS-CHAVES:** brinquedoteca, brincar, etnografia, autonomia.

### **Introdução: o começo dos espetáculos**

Brincava de fingir que pedra era lagarto.

Que lata era navio.

Cresci brincando no chão entre formigas.

De uma infância livre e sem comparamentos.

Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação

Manoel de Barros

Esse texto apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado em Educação, em fase inicial, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Mato Grosso, no campus Rondonópolis, que problematiza as expressões do brincar livre na brinquedoteca da UFMT/Campus de Rondonópolis (Laboratório Especial de Ludicidade/Brinquedoteca Profa. Dra. Soraiha Miranda de Lima) observando as diversidades culturais de gênero, sexo e classe social. Essa brinquedoteca faz parte de um projeto de extensão que proporciona às crianças da rede municipal de ensino, na faixa etária de 04 a 06 anos de idade, práticas educativas mediadas pelo brincar e um espaço de produção da cultura infantil.

O olhar que, como adultos, lançamos sobre o brincar e/ou algumas brincadeiras e brinquedos está atrelado, queiramos ou não, a uma concepção de infância. Há o olhar que determina onde, como, com que, com quem e em que tempo/espaço as crianças podem ou devem brincar. Contrariamente a essa ideia, percebo a criança nessa proposta sob uma perspectiva antropológica, sendo vista como protagonista (LAPLANTINE, 2004).

“Brincar é um ato de construção e de autoexpressão por meio da criação e experimentação dos recursos disponíveis. O que seria mais sério e fundamental para nós senão nos conhecermos e nos

construirmos como pessoas?” (MEIRELLES, 2009, p. 104). É através do brincar que a criança descobre o mundo exterior, ela vai descobrindo seu mundo interior, uma trajetória em busca de si mesma. Ferreira (2018) diz que essa busca é uma ação contínua sempre em processo: descobrindo, exercitando, experimentando.

Brincar floresce a existência da criança. É todo um corpo que se experimenta, se enraíza e no movimento encontra, recolhe, investiga, indaga, vai compreendendo, vivendo e apreendendo o mundo: pelo brincar (...) É brincando que a criança faz mediação com o mundo, que constrói e modifica conhecimentos: sensorialmente, portanto com o corpo inteiro explora o que está no seu entorno. (WILLMS, 2013, p.18).

A brinquedoteca é um espaço para brincar, em que se cultiva a criatividade e a sensibilidade, aspectos indispensáveis na formação das pessoas (FRIEDMANN, 2007). Nesse ponto, apresento a brinquedoteca como um espaço aberto e público, do ponto de vista do adulto, e privado e livre para as crianças exercerem com autonomia o brincar, e assim expressar suas alteridades por meio das brincadeiras e dos brinquedos.

Utilizando como metodologia a etnografia (MAGNANI, 2009), que foi forjada pela antropologia não se confunde nem se reduz a uma técnica; deve-se respeitar o contexto e o preparo teórico, conforme as circunstâncias de cada pesquisa, e através da experiência se faz uma teoria interpretativa. Utilizando principalmente por meio das narrativas do Diário de Campo, realizadas por alunos de Pedagogia e Psicologia da UFMT/CUR (Campus Universitário de Rondonópolis) e participantes do projeto; nele há registros das brincadeiras livres das crianças. Além desses registros, foram feitas algumas imagens, fotografias, vídeos e outros registros de outras circunstâncias.

distingo relato de campo e notas do caderno de campo. Esse processo permite uma primeira ordenação, uma narrativa dos dados de campo; e, da leitura do *corpus* mais alentado destes relatos, é que vão aparecer os famosos *insights*, começam a surgir as linhas de interpretação, de reflexão, e o trabalho de campo fica prazeroso. Como se sabe, não se vai a campo com uma teoria já pronta, sem estar disposto a ser afetado, como hoje se diz. E este “ser afetado” também aparece no caderno, depois no relato e, ainda, na monografia final. (MAGNANI, 2012, p. 176. Grifos do autor)

É pela experiência vivida que, segundo Laplantine propõe, a escrita funcionaria como um *memento*, uma recordação do que foi percebido e compreendido, muito mais que uma simples descrição de um fato:

Como de costume a entrada é uma grande alegria! Todas as crianças entram correndo e gritando: Olha! Eeee! Ah! E correm para as fantasias! Desse primeiro encantamento pulam na piscina de bolinhas verdadeiros mergulhos, aos gritos, uns com fantasias e máscaras de monstros, outro com espadas, o grito e o mergulho são intensos. (DIÁRIO DE CAMPO, p. 3, 30/09/2016, Elni Willms)

É como abrir as cortinas de um espetáculo, como lembra o título desta seção, um espetáculo sem roteiro, e as cenas vão sendo protagonizadas no momento, tendo os adultos como auxiliares. Entre os diversos papéis, há o que se explorar nas diversas possibilidades no palco, e há os que contracenam apenas um papel ou com um objeto do início ao fim. Sendo assim, são espetáculos, narrativas, não é singular.

O artista não pode perder sua espontaneidade e criatividade de criação, aqui potencializada nas crianças. O brincar é o sentido de ser em si. Que se perde no tempo racionalizado pelo adulto. Nesses encontros, a criança que vive nos adultos ressurgem, desperta:

Chegando perto de um garotinho que estava no teatro de fantoches logo depois de perguntar o seu nome, questionei:

- Ei, pode me dizer o que você faz aí?

- Ué, estou brincando. Ele me respondeu.

Mas que coisa mais óbvia!

No momento achei super engraçado, depois fiquei refletindo em relação ao espírito espontâneo que as crianças possuem. Essa verdade que as suas ações mostram, em vista disso, receber um carinho de qualquer pequeno, meu amigo, é o sentimento mais verdadeiro de todo esse mundão. (DIÁRIO DE CAMPO, p. 2, 07/05/2018, Gabriel dos Santos)

**“É onde vivem os brinquedos!”**

A boneca dela é bela, mora numa casa amarela  
Gosta de biscoitinhos com chá, se quebra e balança o corpo

A brinquedoteca está organizada em cinco cantos temáticos: canto das fantasias, canto da música, canto da leitura, canto móvel da cidade e o canto dos jogos. As crianças circulam de um canto a outro livremente explorando as diversas formas do brincar:

Como de costume as crianças chegaram e fiz a recepção. Perguntei se sabiam onde estavam. Alguns disseram: “biblioteca” e então eu disse que era: brin-que-do-te-ca. E eles repitiram. Perguntei se eles sabiam o que era uma brinquedoteca. Um menino disse “Eu sei! É onde vivem os brinquedos!” isso mesmo, eu disse, e eles entraram felizes, vivendo cada boneco e boneca, cada carrinho e brinquedo, pois é o corpo da criança que dá vida aos brinquedos. (DIÁRIO DE CAMPO, p.33, 19/11/2016, Elni Willms)

Entraram e se encantaram com o mundo colorido de brinquedos que os convidaram a brincar. Percorreram toda a sala e logo se depararam com as fantasias, escolheram seus personagens, eu os ajudei a se vestirem e foram brincar todos orgulhosos de suas caracterizações. (DIÁRIO DE CAMPO, p. 8, 30/09/2016, Flávia Pereira)

Um espaço de resgate do sentido formativo do brincar na construção da cultura infantil. É um desafio em tempos tecnológicos se surpreender e se emocionar com esses encontros, da criança e seu brinquedo, da criança e suas descobertas individuais e coletivas, das brincadeiras ditas antigas até as mais novas. É também ter contato com outras formas de pensar, de educar, e de fazer. Oportunidades de dialogar e ponderar outros saberes e opiniões, ou talvez compartilhar aprendizados e práticas.

mas...tem um brinquedo aqui que sempre traz algumas “discussões” e “controvérsias” por parte das crianças, que é a MESA DE SINUCA , esse brinquedo na maioria das vezes é visto como: -‘esse não é de menina!’, - ‘menina não pode jogar’, -‘sai pra lá isso é de menino’...e por aí afora, geralmente precisamos intervir. (DIÁRIO DE CAMPO, p.114, Autor Desconhecido)

Diálogos como este demonstram como algumas crianças vivenciam a segregação da brincadeira entre o que é de menino ou de menina. Além disso, é importante contextualizar que durante esses encontros existia na cidade de Rondonópolis um movimento político que combatia a “ideologia de gênero” por meio de publicação de vários *outdoors* em pontos estratégicos. A influência desse tipo de movimento é perceptível nas conversas das crianças, não consigo quantificar os registros, mas sinto que intensificou as frequências dos questionamentos das crianças sobre esse assunto:

- “A Senhora não acha que sinuca é brincadeira de menino?”,

- “O que você acha?”, eu retorno.

-“Brincar de carrinho também?”, me indaga.

-“Eu dirijo carro!, respondo.

Ele me olha sem resposta, e sai correndo.

(Diário de Campo, p.143, 06/12/2017, Diálogo com Maria Lima)

Existem grupos de crianças que não apresentam nenhum tipo de conversa com essa temática, inclusive a mesa de sinuca, que frequentemente é questionada pelas meninas, refletindo o próprio preconceito do jogo pela tradição masculina – e no Brasil, em particular, por ser muito utilizado em bares e situações boêmias. Apresenta um relato que diz: “agora só meninas na mesinha de sinuca”. (DIÁRIO DE CAMPO, p.62, 19/06/2017, Caroline Branco)

Se é pelo brincar que as crianças descobrem o mundo e a si próprias, como é estar no papel de uma princesa, do Batman, do Homem Aranha? A segregação e estereotipia das brincadeiras é comprovadamente cultural por diversas pesquisas dentre elas a de Bichara (2001) em uma aldeia indígena e mocambo nordestina.

Salgado e Souza (2018) alertam sobre como a visão de inocência da infância coloca a sexualidade infantil em uma redoma de proteção. É preciso construir outros olhares sobre a infância, ao nos debruçarmos sobre as experiências, os conhecimentos e os sentidos que as crianças compartilham sobre gênero e sexualidade. E está aberto a suas expressões:

Davi Lucas brinca solitário com um carrinho rosa, todo desenhado com flores, mas ele nem se importa, ele só queria “dirigir” seu possante. (DIÁRIO DE CAMPO, p. 83 e 84, 10/08/2017, Gisele Dalava)

Um fato me chama a atenção, um menino se aproximou e me pediu para que o ajudasse a vesti-lo de princesa. Pergunto a ele se tinha certeza se seria mesmo vestir a fantasia, e ele me disse: “-sim” e “ – é apenas pra brincar, Tia ”. (DIÁRIO DE CAMPO, p. 23 e 24, 08/10/2017, Maria Souza).

Para Schindhelm (2011), a sexualidade, assim como a própria infância, é uma construção social chancelada pela cultura em que se vive. É um tabu falar sobre as experiências sexuais das crianças e dos estudos sobre sexualidade infantil. Essa é a parte censurada do espetáculo, reprimida muitas vezes pelos professores e vista com estranheza até mesmo pela equipe de voluntários. Abre-se a vinheta: - Assusto polêmico, assunto proibido, assunto censurado!

A sexualidade tem um caráter dinâmico e mutável não apenas pelas particularidades de cada cultura, mas também pelo modo singular com que cada pessoa assimila a tradição social por meio dos seus rituais, suas linguagens, suas fantasias, suas representações, seus símbolos e suas convenções (LOURO, 2001).

Princesas, Homens Aranhas, Belas, Tigres, Batmans, Capitães Américas compartilham a cena com mães e seus bebês passeando, donas de casa lavando roupas, operários batendo pinos, filhos bebendo sucos, pássaros correndo ou seriam aviões voando? São escolhas e necessidades de se viver e de se transformar. É apenas brincar, como anunciou o menino acima. Mas é expressão da cultura infantil também.

Um menino corria com o bambolê e então entrou dentro dele e falou: "Cavalinho Redondo!". E saiu correndo. Logo depois outro menino e uma menina também brincaram de Cavalinho Redondo! (DIÁRIO DE CAMPO, p 39., 23/11/2016, Flávia Pereira).

### **Algumas Considerações**

Das observações e impressões obtidas é visto a pluralidade:

Aqui dentro observa-se a autonomia das crianças, no exercício de liberdade de escolher, entre tantas opções, aquela de seu desejo. As flautas são tocadas, insistentemente. Nesse momento um menino chega até mim e pergunta: “Tia, onde eu me fantasio?”. E então, eu fui com ele até o cabide e, como não tem mais fantasia de super herói ele aceitou uma fantasia de tigre. Está brincando, feliz, tentando montar uma pista de corrida. (DIÁRIO DE CAMPO, p. 49, 09/06/2017, Elni Willms)

Willms (2013) nos remete pensar a experimentação livre como um caminho de vivências diversas de simbolização

A linguagem simbólica é tudo aquilo que permite a expressão de uma cultura, significando-a: roupas, danças cantos, literatura, gestos, construções arquitetônicas, alimentos, ideias, códigos, compreensões e maneiras de representar o vivido, músicas, representações cênicas, imagens, enfim, tudo aquilo que permite ao ser humano expressar uma certa compreensão do mundo, organizando-o, mas também propondo rupturas, desafiando, propondo novas formas de ser e viver. Não que isso se dê de maneira fácil ou rápida, mas muitas vezes como negação, confronto e ao longo do tempo. (p.126)

A multiculturalidade citada por Friedmann (2016) é vista também por Formosinho (2007) como uma riqueza conseguir a integração da autonomia individual de exercício do poder e influência para um reconhecimento como atores sociais e autores e protagonistas das suas vidas. A heterogeneidade e a diversidade oferecem modos alternativos de aprendizagem e desenvolvimento.

É visto também a diversidade de narrativas sobre o mesmo grupo de crianças brincando através das narrativas dos diários de campo. Magnani (2002) traz esse fato como uma totalidade em que existe de um lado a maneira como os protagonistas vivenciam os fatos e, do outro, como os investigadores percebem e a descrevem. Não há uma percepção única ou absoluta sobre fatos, mas múltiplos olhares de perto e de dentro e que são reconhecidos pelas protagonistas.

O plano empírico da observação mostrou que a brinquedoteca compõe um espaço onde as crianças apreendem o mundo através do brincar pela experimentação. Assim, o brincar livre afirma-se como uma expressão da potência da criança na cultura, um mundo próprio e, quase sempre, compartilhado com seus pares.

Observando as crianças como elas brincam, como elas conseguem entender, reconhecer os limites umas das outras, algumas conseguem subir com facilidade nos poliedros empilhados, e uma outra criança que não consegue é orientada por outra criança a ficar no poliedro mais baixo, a gente percebe que as crianças se respeitam. (DIÁRIO DE CAMPO, p.79, 09/08/2017, Patrícia de Oliveira)

Friedmann (2007) reafirma a necessidade de abrir oportunidades para autonomia, para vivências com

liberdade de tempos sem relógio e de espaços cujas paredes sejam construídas pelos “tijolos da fantasia e da imaginação infantis”, de maneira que as crianças vivam infâncias íntegras. As experiências não se acabam com o calçar dos sapatos ou com o fechar das portas (cortinas). Essas vivências continuam na construção das suas trajetórias, no reconhecimento de si e do mundo.

“Era um mundo de fantasia só delas que eu observei, mas não interfeiri.”

Diário de Campo, p.34, 18/11/2016, Elni Willms)

## NOTAS

[1] Cito, neste texto, recortes do Diário de Campo construído coletivamente e mantido no acervo da Brinquedoteca. O recorte será identificado assim: DIÁRIO DE CAMPO, nome de quem fez a narrativa, data e página. Algumas pessoas, no entanto, não assinaram o relato e então aparece como DESCONHECIDO.

2 Sinuca é um jogo de mesa, taco e bolas praticado no Brasil, e constitui uma variante do pool, um jogo de mesa inventado em 1875 na Grã-Bretanha. Obtido na Internet: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sinuca> em 22/05/2018.

## Referência Bibliográfica

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas** – As Infâncias de Manoel de Barros, ed. Planeta, p. 187.

BICHARA, I. D. **Brincadeiras de menino e de menina**: segregação e estereotipia em episódios de faz-de-conta. Temas em Psicologia da SBP, nº1, v 9, p.19-28, 2001.

DIÁRIO DE CAMPO da Brinquedoteca. Universidade Federal de Mato Grosso, curso de Pedagogia, 2016, 2017e 2018.

FERREIRA, Bruna Gallucio. **Entre pausas e movimentos**: investigação sobre as estrelas do céu interior. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; orientação Mônica Caldas Ehrenber. São Paulo: 2018.

FORMOSINHO, Júlia Oliveira. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: **Pedagogias(s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro** Porto Alegre: Artmed, 2007.

FRIEDMANN, Adriana. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. São Paulo: Instituto Indianópolis, 2016.

FRIEDMANN, Adriana. O olhar antropológico por dentro da infância: adentrando nas casinhas das crianças. In: MEIRELLES, Renata (Org.). **Território do brincar**: diálogos com escolas. São Paulo: Instituto Alana, 2014. p. 37-45.

FRIEDMANN, Adriana. A arte de adentrar Labirintos Infantis. In: **Quem está na escuta?** – Diálogos, reflexões e trocas de especialista que dão vez e voz às crianças, Mapa da Infância Brasileira, 2016, p.16-22.

LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica**. Tradução de João Manuel Ribeiro Coelho e Sergio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004. 137p.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_ (org.).

O Corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica,

2001. p. 07-34

MAGNANI, José Guilherme. Etnografia como prática experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009

MAGNANI, J. G. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de

Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

São Paulo: Hucitec, 1998.

MAGNANI, José Guilherme. **A Etnografia é um método, não uma mera ferramenta de pesquisa...** Que se pode usar de qualquer maneira. REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, FORTALEZA, v. 43, n. 2, jul/dez, 2012, p. 169 - 178

MEIRELLES, Renata (org.) **Território do brincar: diálogo com escolas.** São Paulo: Instituto Alana, 2014.p. 17-22.

ROCHA, Ruth. **Os direitos das crianças.** Ed. Companhia das Letrinhas, 2002.

SALGADO, Raquel; SOUZA, Leonardo. Gêneros, sexualidades e infâncias: cenas de crianças na contramão da inocência. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, jan.-abr. 2018, pp. 241-258.

WILLMS, Elni Elisa. **Escrevivendo: uma fenomenologia rosiana do brincar.** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; orientação Marcos Ferreira-Santos. São Paulo: 2013